

Como Viver Junto, reflexão-tema da 27ª Bienal de São Paulo (2006), cuja curadoria esteve a cargo de Lisette Lagnado, buscava investigar as (im)possibilidades de convívio sob um mesmo sol. Largamente inspirada na pesquisa artística de Hélio Oiticica, a mostra explorava não apenas as relações culturais e de poder a tensionar as tramas do tecido social, mas também a própria convivência de obras de arte debaixo de um mesmo teto. A residência artística que ora resulta da parceria estabelecida entre a **Despina | Largo das Artes** e a instituição de ensino britânica **Central Saint-Martins, University of the Arts London**, faz eco às questões políticas que embalaram Lagnado em seu poderoso e complexo libelo democrático. No presente caso, quatro pesquisadoras egressas da reputada escola londrina dividem um mesmo espaço e articulam um território de ação cujas referências comuns estreitam as fronteiras entre suas práticas individuais. **Beatrice Vermeir, Carlotta Novella, Helena de Pulford e Sarah Crew** emergem de um cenário político e cultural em vias de esfalar-se por completo, isto é, de uma Europa em decadência política e econômica, cujas bases recentes da socialdemocracia e do multiculturalismo tornam-se, a cada dia que passa, mais e mais fragilizadas, sombras esmaecidas de um curto e promissor passado humanista.

Helena de Pulford encontra, na aparente solidez da prática escultórica, a porosidade e a plasticidade necessárias à desconstrução de percepções totalizantes do corpo social. Elementos e cenários recorrentes na paisagem cultural contemporânea são postos à prova mediante a fragmentação de rotinas e procedimentos cujos propósitos implícitos buscam consolidar papéis e estruturas políticas. O acúmulo de objetos funcionais ou mesmo disfuncionais em nosso entorno, muitos dos quais dotados de aparente invisibilidade, são alçados à condição de totens reveladores de uma dimensão íntima a um só tempo doméstica e política. Elementos perecíveis como o ovo e o pepino ganham força arquetípica em suas funções prostéticas, articulando falos e vazios que relativizam a natureza orgânica de homens e mulheres, questionando noções de gênero como resultado da carga biológica ou do acúmulo cultural. Por meio da performance, Pulford encontra o mecanismo de ativação de massas escultóricas flácidas ou inertes, pulverizando o objeto e fracionando a percepção de ações rotineiras carregadas de sentido político, mas que só se revelam por completo mediante sua ritualização. No Rio de Janeiro, a artista buscou interlocução com outras mulheres cuja atuação no campo cultural reverberasse discursos feministas, alimentando assim o desenvolvimento posterior de uma ação performática na qual investigou a noção da mulher como espaço público, ou seja, como esfera de vulnerabilidade e magnetismo, para onde convergem forças contra-emancipatórias. Neste contexto, a relação com os alimentos partidos à faca (notadamente o pepino), e com a ideia de coletividade, tornam-se o expediente político para a desarticulação de um modelo cultural que busca, ao igualar a parte e o todo, em um esforço metonímico, afastar a possibilidade de construção de uma identidade emancipada de estruturas totalizantes.

Carlotta Novella também vai buscar no terreno da informalidade as ferramentas para discutir modelos e estruturas políticas. Interessada pelos sistemas organizacionais do espaço urbano, e por suas células de controle, a arquiteta investiga noções de plasticidade social para enfrentar as dinâmicas estabelecidas pelo biopoder. Assim, as possibilidades de emancipação do indivíduo, quer seja cultural ou econômica, devem se dar por meio do empoderamento comunitário, ou seja, na articulação de dinâmicas próprias de trabalho e de produção cultural. Ao debruçar-se sobre a culinária como mecanismo de sobrevivência, Novella identifica ao menos duas naturezas de ação política que daí derivam, por vezes operando conjuntamente.

Uma delas diz respeito ao caráter econômico desta atividade, a qual se dá em uma esfera de mercado, produzindo os dividendos que autorizam o consumo; a outra, no plano social, uma vez que articula famílias ou comunidades, aproximando indivíduos e estreitando laços de afeto. Entretanto, diante da dissociação que a sociedade de mercado faz entre espaço público e privado, entre aquilo que é de interesse individual ou coletivo, ou mesmo entre lazer e trabalho, toda a produção econômica que se dá no ambiente doméstico - íntimo - tende a ser alvo do controle do Estado. Ao promover cruzamentos entre essas esferas, Novella identifica a culinária - ou a comida - como ingrediente subversivo e emancipatório. Durante seu período de residência, a arquiteta tomou contato com a comunidade da favela Cantagalo, localizada em um morro da zona sul do Rio de Janeiro, vizinho a áreas nobres da cidade. Lá, nas ruínas de um empreendimento hoteleiro jamais finalizado, opera um espaço público onde uma variedade de práticas têm lugar - esportivas e comunitárias -, entre elas uma cantina liderada por uma antiga moradora do bairro, responsável pela adoção de mais de 20 crianças ao longo de sua vida, e que fez da cozinha seu ganha-pão e meio para o sustento da vasta prole sob sua guarda. Inspirada pelo potencial agregador, difusor de afetos e conhecimentos, encapsulados em uma cozinha, Novella estabeleceu a sua própria no espaço da residência, transformando área de trabalho em área de lazer e espaço colaborativo.

Beatrice Vermeir, formada em escultura pela CSM, vem conduzindo parte de sua pesquisa artística informada pelo contexto sociopolítico do Rio de Janeiro nos anos de 1970, e em particular por Hélio Oiticica, cujos parangolés e as noções de crelazer suscitam o debate acerca das relações entre corpo e a coletividade, entre o espaço público e o privado. Na esteira de sua passagem por terras cariocas há poucos anos atrás, a artista dá continuidade à sua investigação sobre o teor orgânico, plástico e político que alimenta estruturas culturais e arquiteturas de poder. A provisoriabilidade do espaço urbano carioca, em particular das favelas, funcionam como alicerce conceitual para a investigação artística e teórica que Vermeir promove sobre forma e conteúdo, sobre sujeito e sociedade. Na estrutura que a artista cria no espaço da residência, a hierarquia entre práticas intelectuais e artesanais é desconstituída, formando um todo articulado em que pensamento e necessidade, natureza e espírito colidem de forma a engendrar um novo modus operandi, uma nova lógica de vida e trabalho. Em workshop ministrado ao público, Vermeir oferece páginas de livros teóricos para que sejam usados como material na construção de vestimentas. Adotando a gambiarra como solução possível para o estado de escassez, e como estratégia de recusa aos modos pré-estabelecidos de produção numa economia de mercado, ela promove alternativas políticas à sociedade de consumo, promovendo um entendimento da vida como indissociável da criação e do conhecimento.

Sarah Crew desconstrói a paisagem contemporânea dotando-a de elementos capazes de rearticular sentido mediante novas ordenações sintáticas, subversivas do ponto de vista linguístico e sobretudo político. Tomando como campo de estudo e ação a superfície do globo - em que pesem todas as suas deformidades e diferenças -, a artista abandona noções estanques de realidade ao transformar cenários cujos relevos são conhecidos em espaços ou zonas heterotópicas, as quais demandam do público capacidade de imaginação e relativização das noções de realidade e ficção. Mundos virtuais substituem ambientes consolidados na memória coletiva, são alçados à condição de uma supra-realidade tanto mais potente do ponto de vista plástico quanto sociológico. Retalhos visuais são justapostos de modo a costurar um tecido social a um só tempo rugoso mas constante, tal qual nossa percepção fragmentada e acelerada do espaço e do tempo.